

ANTONIN ARTAUD



PARA ACABAR COM O JUÍZO DE DEUS

"FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DO INFERNO"

"AS NOVAS REVELAÇÕES DO SER"

"À MARGEM DAS NOVAS REVELAÇÕES DO SER"

"PARA ACABAR COM O JUÍZO DE DEUS"

TRADUÇÃO DE OLIVIER DRAVET XAVIER



MOINHOS

SUMÁRIO

FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DO INFERNO	7
AS NOVAS REVELAÇÕES DO SER	17
À MARGEM DAS NOVAS REVELAÇÕES DO SER	43
I	45
II	47
III	48
IV	51
V	52
VI	55
VII	56
VIII	57
PARA ACABAR COM O JUÍZO DE DEUS	59
TUTUGURI	67
A BUSCA PELA FECALIDADE	71
COLOCA-SE A QUESTÃO DE...	75
CONCLUSÃO	83
AS LINHAS EM FLOR DE ARTAUD	87



FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DO INFERNO



para André Gaillard

Nem meu grito nem minha febre são de mim. Essa desintegração de minhas forças segundas, desses elementos dissimulados do pensamento e da alma, vocês sequer concebem sua constância?

Essa coisa que está a meio caminho entre a cor de minha atmosfera típica e a ponta de minha realidade.

Não é tanto de alimento que eu preciso quanto de uma espécie de elementar consciência.

Esse nó da vida onde a emissão do pensamento se agarra.

Um nó de asfixia central.

Simplemente pousar-me numa verdade clara, ou seja, que fica num só gume.

Esse problema da emaciação do meu eu não se apresenta mais sob seu ângulo unicamente doloroso. Sinto que novos fatores intervêm na desnaturação de minha vida e que eu tenho como uma nova consciência de meu íntimo definhamento.

Vejo no ato de lançar o dado e de me jogar na afirmação de uma verdade pressentida, tão aleatória quanto possa ser, toda a razão de minha vida.

Resido, durante horas, na impressão de uma ideia, de um som. Minha emoção não se desenvolve no tempo, não se sucede no tempo. Os refluxos de minha alma estão em harmonia perfeita com a idealidade absoluta do espírito.

Colocar-me diante da metafísica que fiz para mim mesmo em função desse nada que carrego.

Essa dor plantada em mim como um canto, no centro de minha mais pura realidade, nesse espaço da sensibilidade onde os dois mundos do corpo e do espírito se unem, dela me ensinei a me distrair através de uma falsa sugestão.

No espaço do minuto que dura a iluminação de uma mentira, invento um pensamento de evasão, me lanço na falsa pista indicada pelo meu sangue. Fecho os olhos de minha inteligência, e deixando falar em mim o não formulado, dou-me a ilusão de um sistema cujos termos me escapam. Mas desse minuto de erro fica em mim o sentimento de ter furtado ao desconhecido alguma coisa real. Acredito em conjurações espontâneas. Nas estradas onde meu sangue me arrasta, não é possível que um dia eu não descubra uma verdade.

A paralisia me possui e me impede cada vez mais de voltar-me sobre mim mesmo. Não tenho mais ponto de apoio, não tenho mais base... me busco não sei onde. Meu pensamento não pode mais ir aonde minha emoção e as imagens que se erguem em mim o carregam. Sinto-me castrado até em meus mínimos impulsos. Acabo por ver o dia através de mim mesmo, de tantas renúncias em todos os sentidos de minha inteligência e de minha sensibilidade. É preciso que entendam que é de fato o homem vivo que é atingido em mim e que essa paralisia que me sufoca está no centro da minha personalidade usual e não dos meus sentidos de homem predestinado. Estou definitivamente à margem da vida. Meu suplício é tão sutil, tão refinado quanto ele é áspero. Preciso de esforços insensatos de imaginação, multiplicados pela pressão dessa sufocante asfixia para conseguir *pensar* o meu mal. E se me obstino assim nessa busca, nessa necessidade de fixar de uma vez por todas o estado de meu sufoco...

Você está realmente errado ao fazer alusão a essa paralisia que me ameaça. De fato, ela me ameaça e ganha dia após dia. Ela já existe e como uma horrível realidade. Decerto eu ainda faço (mas por quanto tempo?) o que eu quiser dos meus membros, mas já faz tempo que não mais comando meu espírito, e que meu inconsciente inteiro me comanda com impulsões que vêm das profundezas de minhas raivas nervosas e do redemoinho do meu sangue. Imagens apressadas e rápidas, e que só proferem ao meu espírito palavras de raiva e de ódio cego, mas que passam como facadas ou relâmpagos num céu carregado.

Estou sendo estigmatizado por uma morte urgente na qual a morte verdadeira não representa para mim terror algum.

Essas formas terríveis que avançam, sinto que o desespero que elas me trazem está vivo. Ele desliza no nó da vida após o qual se abrem as rotas da eternidade. Realmente se trata da separação para sempre. Elas deslizam sua faca no centro em que me sinto homem, cortam as amarras vitais que me unem ao sonho de minha lúcida realidade.

Formas de um desespero capital (realmente vital),
encruzilhada das separações,
encruzilhada da sensação de minha carne,
abandonada por meu corpo,
abandonada de todo sentimento possível no homem.
Só posso compará-la ao estado no qual nos encontramos quando deliramos de febre, no decorrer de uma profunda doença.

É essa antinomia entre minha facilidade profunda e minha exterior dificuldade que cria o tormento do qual estou morrendo.

O tempo pode passar e as convulsões sociais do mundo devastar os pensamentos dos homens, estou a salvo de todo pensamento que se banhe nos fenômenos. Deixem-me às minhas nuvens apagadas, à minha imortal impotência, às minhas insensatas esperanças. Mas saibam que não abduco de nenhum dos meus erros. Se julguei mal, a culpa é da minha carne, mas essas luzes que meu espírito deixa passar de hora em hora, são a minha carne cujo sangue se cobre de relâmpagos.

Ele me fala de Narcisismo, eu respondo que se trata de minha vida. Eu cultuo não o eu mas a carne, no sentido sensível da palavra carne. Todas as coisas só me atingem na medida em que afetam minha carne, em que coincidem com ela, e só até o ponto em que a abalam, não além. Nada me atinge, só me interessa aquilo que se dirige diretamente à minha carne. E nesse momento ele me fala do Si. Eu respondo que o Eu e o Si são dois termos distintos que não devem ser confundidos, e que são exatamente os dois termos que se balançam do equilíbrio da carne.

Sinto o terreno que se esfarela sob meu pensamento, e sou levado a considerar os termos que emprego sem o apoio de seu sentido íntimo, de seu substrato pessoal. E melhor do que isso, o ponto através do qual esse substrato parece se ligar à minha vida, torna-se de repente estranhamente sensível, e virtual. Vem a mim a ideia de um espaço imprevisto e fixo, onde normalmente tudo é movimento, comunicação, interferência, trajeto.

Mas esse esfarelamento que atinge meu pensamento em seu fundamento, em suas mais urgentes comunicações com a

inteligência e com a instintividade do espírito, não acontece no domínio de um abstrato insensível do qual só as partes elevadas da inteligência participariam. Mais do que o espírito que permanece intacto, eriçado de pontas, é o trajeto nervoso do pensamento que esse esfarelamento atinge e desvia. É nos membros e no sangue que essa ausência e esse estacionamento se fazem particularmente sentir.

Um grande frio,
uma atroz abstinência,
os limbos de um pesadelo de osso e de músculo, com o sentimento das funções estomacais que batem como um estandarte nas fosforescências da tempestade.
Imagens larvais que se empurram como que com o dedo e que não estabelecem relações com matéria alguma.

Sou homem pelas minhas mãos e pelos meus pés, pela minha barriga, pelo meu coração de carne, pelo meu estômago cujos nós me unem à putrefação da vida.

Falam-me de palavras, mas não se trata de palavras, trata-se da duração do espírito.

Essa casca de palavras que cai, não imaginemos que a alma não esteja implicada. Ao lado do espírito está a vida, está o ser humano no círculo do qual esse espírito gira, vinculado a ele por uma multitude de fios...

Não, todos os arrancamentos corporais, todas as diminuições da atividade física e esse desconforto que é se sentir dependente em seu corpo, e o próprio corpo carregado de mármore e deitado numa madeira ruim, não igualam a dor que é ser privado da ciência física e do sentido de seu equilíbrio interior. Que falte alma à língua ou língua ao espírito, e que

essa ruptura trace nas planícies dos sentidos como que um vasto sulco de desespero e de sangue, eis a grande dor que abala não a casca ou os alicerces, mas a matéria dos corpos. Perde-se essa faísca errante e da qual sentimos que ela era um abismo que ganha consigo toda a extensão do mundo possível, e o sentimento de uma inutilidade tal que ela é como o nó da morte. Essa inutilidade é como a cor moral desse abismo e dessa intensa estupefação, e sua cor física é o gosto de um sangue jorrando em cascatas através das aberturas do cérebro.

Por mais que me digam que esse beco sórdido sou eu, eu participo da vida, represento a fatalidade que me elege e não é possível que toda a vida do mundo conte comigo em momento algum já que por sua própria natureza ela ameaça o princípio da vida.

Existe algo que está acima de toda atividade humana: é o exemplo dessa monótona crucificação, dessa crucificação na qual a alma não para mais de se perder.

A corda que deixo escapar da inteligência que me ocupa e do inconsciente que me alimenta, descobre fios cada vez mais sutis em meio ao seu tecido arborescente. E é uma vida nova que renasce, cada vez mais profunda, eloquente, enraizada.

Nunca precisão alguma poderá ser dada por essa alma que se estrangula, porque o tormento que a mata, que a descarna fibra por fibra, acontece por baixo do pensamento, por baixo do ponto que a língua pode atingir, já que é a própria conexão daquilo que a constitui e que a mantém espiritualmente aglomerada, que se rompe à medida que a vida a atrai para a constância da clareza. Nunca clareza alguma a respeito dessa paixão, dessa espécie de mártir cíclico e fundamental. E, no

entanto, ela vive, mas de uma duração de eclipse na qual o fugidio se mistura perpetuamente ao imóvel, e o confuso a essa língua penetrante de uma clareza sem duração. Essa maldição é um alto ensinamento para as profundezas que ela ocupa, mas o mundo não escutará sua lição.

A emoção causada pela eclosão de uma forma, a adaptação dos meus humores à virtualidade de um discurso sem duração é para mim um estado diferentemente precioso se comparado à satisfação de minha atividade.

É a pedra de toque de certas mentiras espirituais.

Essa espécie de passo para trás que o espírito dá nos limites da consciência que o fixa, para buscar a emoção da vida. Essa emoção situada fora do ponto particular em que o espírito a procura, e que emerge com sua densidade rica em formas e num escorrer fresco, essa emoção que devolve ao espírito o som arrebatador da matéria, toda a alma escorre nela e passa dentro de seu fogo ardente. Mas, mais do que o fogo, o que deleita a alma é a limpidez, a facilidade, a naturalidade e o candor glacial dessa matéria demasiado fresca e que sopra o quente e o frio.

Este aqui sabe o que a aparição dessa matéria significa e de que subterrâneo massacre sua eclosão é o preço. Essa matéria é a medida de um vazio que se ignora.

Quando me penso, meu pensamento se busca no éter de um novo espaço. Estou na lua como outros estão em suas sacadas. Participo da gravitação planetária nas falhas de meu espírito.

A vida vai acontecer, os eventos vão transcorrer, os conflitos espirituais vão se resolver, e disso tudo eu não participarei. Não tenho nada a esperar nem do lado físico nem do lado

moral. Para mim, a dor perpétua e a sombra, a noite da alma, e eu não tenho voz para gritar.

Dilapidem vossas riquezas longe deste corpo insensível sobre o qual nenhuma temporada espiritual, ou sensual, surte efeito.

Escolhi o domínio da dor e da sombra como outros escolheram aquele do brilho e do acúmulo da matéria.

Não trabalho na extensão de um domínio qualquer.

Trabalho na única duração.